

## DIGNIDADE HUMANA E VIOLAÇÕES DE DIREITOS EM A HORA DA ESTRELA

HUMAN DIGNITY AND RIGHTS VIOLATIONS AT A HORA DA ESTRELA

Flaviana de Freitas Oliveira<sup>1</sup>, Ana Maria Klein<sup>1</sup>

 ORCID IDS

Oliveira FF - <https://orcid.org/0000-0003-3714-5820>

Klein AM - <https://orcid.org/0000-0002-0004-1908>

### Resumo

O romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, narra a vida de Macabéa, que tem direitos violados cotidianamente. A narrativa nos leva a pensar sobre a importância da dignidade e a aplicação dos Direitos Humanos. Este trabalho analisa como a temática é abordada no romance, por meio das vivências da protagonista. O romance explicita violações a direitos da mulher, da criança, à alimentação, ao trabalho, ao afeto, à igualdade, a liberdade, entre outras. Clarice Lispector escancara a falta de dignidade humana na vida da protagonista, que ocupa um papel de vítima na sociedade. Assim, entende-se a importância de o indivíduo transpor o lugar de vítima e ocupar a posição de sujeito de direitos, ciente das reivindicações a serem feitas em prol da dignidade. Por meio da análise, concluímos a importância da obra ao expor de forma realista as rotineiras violações aos Direitos Humanos em nossa sociedade.

Palavras-chave: Direitos humanos. Dignidade da pessoa humana. Literatura. Clarice Lispector. Violação de direitos.

### Abstract

The novel *A Hora da Estrela*, by Clarice Lispector, narrates the life of Macabéa, whose rights are violated daily. The narrative leads us to think about the importance of dignity and the application of Human Rights. This work analyzes how the theme is approached in the novel, through the protagonist's experiences. The novel explains violations of the rights of women, children, food, work, affection, equality, freedom, among others. Clarice Lispector opens up the lack of human dignity in the life of the protagonist, who plays a victim role in society. Thus, it is understood the importance of the individual to transpose the victim's position and occupy the position of subject of rights, aware of the demands to be made in favor of dignity. Through analysis, we concluded the importance of the work by realistically exposing the routine violations of human rights in our society.

Keywords: Human rights. Dignity of human person. Literature. Clarice Lispector. Violation of rights.

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista - UNESP

Correspondência: [flavianadefreitas@gmail.com](mailto:flavianadefreitas@gmail.com)

Recebido em 08 de Agosto de 2020; Aceito em 23 de Novembro de 2020.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em Direitos Humanos, não podemos deixar de citar as maciças violações que ocorrem cotidianamente em nosso país. Vemos estes direitos sendo desrespeitados pela inoperância estatal, pela violência institucional ou pelos preconceitos e desrespeitos que permeiam as relações entre os indivíduos.

Em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector (1998) consegue retratar de forma realista e crítica as violações de direitos que permeiam a vida da protagonista Macabéa. A autora escancara situações que ferem a dignidade da pessoa humana e problematiza direitos como alimentação, trabalho, afetividade, igualdade e até mesmo a própria existência humana.

A partir desta perspectiva, este trabalho visa analisar como os Direitos Humanos são abordados em *A Hora da Estrela*. A literatura é um importante instrumento para a educação informal do leitor em Direitos Humanos. Entender, portanto, como estes direitos são colocados em uma obra de grande relevância literária, como *A Hora da Estrela*, é importante para darmos à leitura o cunho social, crítico e político que o campo da arte nos propõe.

O romance escolhido para análise, escrito por Clarice Lispector e publicado em 1977, durante a ditadura civil-militar brasileira, conta a história da nordestina Macabéa. A personagem principal, órfã de pai e mãe e criada por uma tia, é desprovida de encanto e tem pouca consciência sobre a sua real identidade.

A obra narra o cotidiano de Macabéa no Rio de Janeiro, incluindo seu relacionamento com Olímpico e sua relação de trabalho como datilógrafa. *A Hora da Estrela* é praticamente um convite ao leitor para refletir sobre a existência humana, as violações de direitos que nos cercam e qual é a dignidade que todos merecemos.

Para analisar como os Direitos Humanos são retratados nesta obra de Clarice Lispector, elegeu-se como procedimento técnico a pesquisa documental, que utiliza fontes primárias, ou seja, materiais que ainda não receberam tratamento analítico. No caso, analisou-se a abordagem dos Direitos Humanos na fonte

documental escolhida, o romance *A Hora da Estrela*. Além disso, foi feito um levantamento bibliográfico para dar suporte à pesquisa documental e trazer as contribuições de diversos autores sobre as temáticas discutidas neste estudo.

Dessa forma, este trabalho se justifica pela pertinência do romance para uma reflexão sobre princípios relevantes aos Direitos Humanos. O movimento de empatia e conscientização que a personagem nos causa traz à tona a dimensão ética destes direitos, levando-nos a pensar no outro como um semelhante, titular da mesma dignidade humana.

## 2 A LITERATURA E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

A literatura é uma manifestação universal que permite ao ser humano estar em contato com a ficção, a realidade e a arte. Ela leva às pessoas o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres (CANDIDO, 2011).

Ao longo da história, há uma íntima relação entre literatura e Direitos Humanos. Isso ocorre porque textos literários são capazes de denunciar mazelas sociais, e, ainda mais importante, causar empatia e educar os leitores em Direitos Humanos. Candido (1995) entende a literatura como importante instrumento educacional:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudicial, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO, 1995, online)

Por meio da literatura, é possível promover a Educação em Direitos Humanos (EDH), que pode ser efetivada por meio de processos educativos para que as pessoas conheçam seus direitos, reconheçam-nos no cotidiano e exijam de forma crítica sua aplicação em seu cotidiano (KLEIN; OLIVEIRA, 2019).

Silva e Tavares (2013) afirmam que a EDH pretende a constituição de uma cultura de respeito integral, formando sujeitos para atuar em consonância com uma cultura de respeito ao outro. A literatura, portanto, pode ser uma forte aliada para educar em Direitos Humanos, ainda que informalmente (de forma não intencional). O primeiro passo para a EDH é a informação e o conhecimento sobre Direitos Humanos e democracia, local onde a literatura pode exercer papel predominante.

Por meio do contato com a informação sobre os direitos, o leitor pode conseguir formar valores e atitudes coerentes com os Direitos Humanos, para, posteriormente, colocar em prática os princípios em suas vidas diárias.

A EDH é o meio mais eficaz para que os Direitos Humanos fiquem inseridos no cotidiano e na consciência coletiva. Um indivíduo não exerce seus direitos apenas sabendo quais são estes: é necessário vivenciá-los, aplicá-los às mais diversas demandas, valorá-los em toda a sua dimensão ética e social. (KLEIN; OLIVEIRA, 2019, p. 243)

Em *A Hora da Estrela*, Lispector consegue trazer para o romance uma proposta crítica sobre a sociedade contemporânea, revelada por meio da ausência dos Direitos Humanos na vida da protagonista Macabéa. Um romance intimista, capaz de trazer à tona sentimentos de revolta e empatia, podendo ser usado como um instrumento transformador na aplicação da EDH.

### 3 A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA EM A HORA DA ESTRELA

Lispector expõe de forma escancarada, em *A Hora da Estrela*, as constantes violações à dignidade da pessoa humana, que é princípio basilar dos Direitos Humanos. Logo no começo da narrativa, ela diz: “[...] que cada um a reconheça em si mesmo porque todos

nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial” (p. 12). Assim, fica claro, pela visão da autora, a valorização da igualdade (todos nós somos um) e da dignidade humana (existe a quem fale o delicado essencial).

O narrador do romance é nomeado como Rodrigo S. M., um personagem aparentemente frio e que tem preconceitos, julgamentos e estereótipos em sua narrativa. Ao falar de Macabéa, o narrador frequentemente se refere a ela como “a nordestina”, mostrando um certo desdém, ou até mesmo preconceito, em relação às origens da personagem principal.

Esta forma de expressão do narrador é uma ironia de Lispector: a autora, que possui o conjunto de sua obra de cunho extremamente existencialista, traz este narrador que corrobora a ausência de direitos que permeia a vida de Macabéa, trazendo uma realidade ainda mais crua para o romance.

O narrador deixa claro que não tem piedade de sua personagem principal. Ainda traz afirmações que diminuem Macabéa, como “[...] a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (p. 12-13), ou “ela que devia ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal” (p. 15).

Dessa forma, Lispector consegue expor a forma como Macabéa está inserida na sociedade: é praticamente invisível, teve seus direitos violados desde a primeira infância, e sofre preconceitos constantes por conta de sua origem, classe social e gênero. Logo no início, o narrador afirma que outro escritor poderia narrar a história, mas teria que ser homem “porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (p. 14). A afirmação reforça o preconceito de gênero, sempre combatido por Lispector, e coloca a racionalidade do homem acima da mulher.

O narrador ainda revela que, ao escrever, descobre que tem um destino. Em seguida indaga: “Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?” (p. 15). Ao fazer esta pergunta, vem à tona mais uma vez a dignidade da pessoa humana

---

e a necessidade de reconhecer-se humano para ter seus direitos mais básicos reivindicados e garantidos.

Durante a narrativa, Lispector reforça a posição de marginalidade e invisibilidade de Macabéa perante a sociedade. Porém, não reconhece a personagem principal como uma pessoa alegre ou triste – é como se Macabéa tivesse tão pouca noção de sua existência, que sequer consegue dizer quais são os problemas que permeiam sua realidade ou ter reações adversas às violações de direito que lhes são impostas.

Tal situação fica clara quando o narrador reforça a invisibilidade e a ausência de direitos de mulheres como Macabéa:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiram. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (p. 14)

Esta falta de consciência e conhecimento de situações que ferem os Direitos Humanos e que violam a dignidade da pessoa humana acaba deixando a pessoa à margem da sociedade. Saber quais são seus direitos é importante para que o indivíduo saia do lugar de vítima e se coloque no lugar de sujeito de direitos.

#### 4 MACABÉA E A REDUZIDA CONSCIÊNCIA DE SI

Ao longo do romance Lispector explicita como Macabéa acaba vivenciando violências diárias sem que tenha percepção de quais direitos estão sendo violados. Assim, a personagem principal acaba por não ter consciência de princípios referentes aos Direitos Humanos, como dignidade, igualdade, justiça social, solidariedade.

Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” cairia estatelada e em cheio no chão. É que “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. (p. 15-16)

Percebe-se, no trecho citado, que Macabéa é descrita como uma pessoa que não tem consciência de si. O narrador coloca que se houvesse essa indagação, a personagem “cairia estatelada e em cheio no chão (p. 15)”, mostrando que ela teria noção das violações de direitos que ocorrem em seu cotidiano. Assim sendo, ela teria necessidade de garantir seus direitos, tornando-se, então, sujeito de direitos.

No entanto, percebe-se que Macabéa está longe de ser sujeito de direitos. Quando o chefe lhe diz, com brutalidade, que ela errava demais na datilografia, ela simplesmente pede desculpa pelo aborrecimento. Não lhe passa pela cabeça a possibilidade de assédio moral, de dignidade, de direito ao trabalho. Ela simplesmente pede desculpas e acaba surpreendendo o chefe com a resposta inesperada.

Logo após este episódio, a personagem vai ao banheiro, onde parecia-lhe “que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma” (p. 25). Em seguida, o narrador questiona: “Sumira por acaso a sua existência física?” (p. 25). Assim, mais uma vez, deparamo-nos com a invisibilidade de Macabéa, como uma pessoa marginalizada e que sequer tem seu direito à existência garantido.

Uma frase que salta aos olhos é quando o narrador diz: “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (p. 26). Neste momento, temos a desumanização de Macabéa, de tal forma que ela é comparada a um cachorro em relação à consciência que tem de si mesma.

Vygotsky (1998) diz que há uma diferença fundamental entre os seres humanos e os outros animais, já que são as experiências exclusivamente humanas que formam as funções psicológicas superiores e, conseqüentemente, a própria consciência. Ao comparar Macabéa a um cachorro, o narrador ressalta a falta de consciência da personagem, diminuindo, mais uma vez, sua dignidade enquanto pessoa humana.

Dentro desta caracterização de Macabéa, cumpre-nos ressaltar também a sua vitimização e marginalização perante a sociedade. Freire (1980) chama este processo de consciência semi-intransitiva, em que

os sujeitos ficam imersos apenas naquilo que gravita em sua órbita. Para Cabral et al. (2015, p. 418), “existe uma tendência ao conformismo e à passividade, e a explicação para os fenômenos é naturalizada ou atribuída a instâncias superiores”.

Neste processo, existe a chamada “cultura do silêncio”, que para Freire (1979), se caracteriza pela inexistência de uma atividade na luta pela efetivação e ampliação dos direitos. Entendemos que a personagem principal do romance se encaixa plenamente na consciência semi-intransitiva de Freire (1979), já que ela se manifesta passivamente perante os acontecimentos do cotidiano e tem atitudes conformistas que chegam a indignar o narrador.

A consciência simplista de Macabéa pode ser percebida no seguinte trecho do romance:

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. [...] Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio parco calor. (p. 23-24)

Ao longo do romance, o narrador insiste na falta de consciência que Macabéa tem enquanto sujeito de direitos: “só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma” (p. 24).

## 5 UMA VIDA PERMEADA POR VIOLAÇÕES AOS DIREITOS HUMANOS

A narrativa demonstra que as constantes violações aos Direitos Humanos da personagem existem desde a sua primeira infância. Lispector coloca que Macabéa nasceu inteiramente raquítica, herança do sertão. Depois cita a morte dos pais, sua vida com a tia beata, as pancadas que levava na cabeça, a falta de comida. Ao longo desta construção de sua infância, ficam explícitas as violações a diversos direitos da personagem, como existência digna, afetividade, alimentação, igualdade, cultura, convivência familiar, entre outros.

Pela narrativa, percebemos que Macabéa não tem seus direitos tutelados desde a infância, embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) garanta uma série de direitos, conforme seu artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, online)

Dessa forma, Macabéa, ao ser criada em uma realidade de extrema pobreza no sertão nordestino, deixa de ter direitos básicos previstos em nossa legislação. Ao contar a história da personagem, o narrador chega a dizer que “a pobreza é feia e promíscua” (p. 22), além de dizer que não pisa no bairro onde vive Macabéa por ter “terror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço de vida imunda” (p. 30).

A forma como o narrador constrói a história ressalta a ausência de direitos na trajetória da protagonista. A narrativa é feita de uma forma estereotipada, em que o próprio narrar demonstra traços de preconceito com a origem e a pobreza da moça. Assim, Lispector constrói Macabéa de forma desumanizada, a partir do julgamento do narrador, o que traz ainda mais criticidade sobre os direitos violados na vida da personagem.

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina (p. 20)

Lispector, ao falar dos direitos, coloca insistentemente sobre o “direito ao grito” (p. 13). Isso significaria o direito a ter voz, a ser ouvido, a ter um lugar de fala, a ser alguém no mundo. Macabéa vive em uma condição de subalternidade, é como se não existisse – o direito ao grito talvez seria a maior prova de uma existência digna. O próprio narrador se sente sufocado com a trajetória de sobrevivência da personagem e diz: “[...] através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo” (p. 33).



Em relação ao direito ao grito, tão ambicionado no romance *Lispector*, a narrativa é sórdida. Nas páginas finais, após Macabéa ser atropelada e estar caída na rua à beira da morte, o narrador escreve: “O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito” (p. 80). Para Macabéa, no entanto, o direito ao grito não existiu: a personagem morreu sem que fosse tutelado seu direito a ter voz.

Em determinado momento, ao contar que Macabéa era datilógrafa, o narrador diz: “E a moça ganhara uma dignidade: enfim datilógrafa” (p. 15). Este momento reforça a preocupação da autora com a dignidade da pessoa humana e o quanto o direito ao trabalho, considerado um dos direitos econômicos, sociais e culturais e previsto como um dos direitos fundamentais na Constituição Federal (BRASIL, 1988), é importante para a promoção desta dignidade.

Assim, ao colocar que Macabéa consegue ter uma profissão, é finalmente um direito conquistado na vida da personagem. O trabalho é um direito social previsto no artigo 6º da Constituição Federal (BRASIL, 1988). Para Alvarenga (2015):

O Trabalho Decente, conceito formalizado pela OIT em 1999, ante os desafios impostos pela globalização econômica, sintetiza a sua missão histórica de promover oportunidades para que homens e mulheres possam ter um trabalho produtivo e de qualidade, sendo considerado condição fundamental para a superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável. (ALVARENGA, 2015, p. 133)

É a partir da visão do trabalho como um direito humano que *Lispector* coloca que, ao se tornar datilógrafa, Macabéa finalmente consegue ter uma dignidade. Trata-se de uma inserção social, que permite à pessoa o pleno desenvolvimento das suas potencialidades humanas.

Percebe-se, então, que a narrativa de *Lispector* preza por diversos direitos que permeiam a vida da personagem, sejam eles violados ou não. A autora, entretanto, não deixa de fazer críticas, por meio da ironia, na forma como o narrador se refere aos direitos de Macabéa:

É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve uma inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem mudos fogos de artifício. Ela quis mais porque é mesmo uma verdade que quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo. E quer mas sem direito algum, pois não é? (p. 35)

Quando Macabéa experimenta um raro momento de felicidade, o narrador a coloca em uma categoria inferior, que “sonha com fome de tudo” (p. 35). Ainda diz que esse tipo de pessoa não tem direito algum. Esta fala revela a ausência de promoção dos Direitos Humanos na vida de grande parte da população, principalmente a pertencente a classes sociais mais baixas.

## 6 A TEMÁTICA DA FOME E O DIREITO À ALIMENTAÇÃO

Ao mencionar a pobreza, *Lispector* também retoma diversas vezes a temática da fome. Em alguns momentos do romance, fala sobre a questão da fome, de maneira geral ou na vida de Macabéa. Além disso, insinua a desnutrição da personagem principal, colocando-a como raquítica, muito magra, de cor amarelada.

Em uma parte do romance, o narrador comenta sobre um creme para pele de mulheres que não seria para Macabéa. Em seguida diz:

Executando o fatal cacoete que pegara de pisar os olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo. É que lhe faltava gordura e seu organismo estava seco que nem saco meio vazio de torrada esfarelada. Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária. (p. 38)

O excerto deixa claro a situação de fome e desnutrição da personagem principal. A alimentação é um direito humano, previsto expressamente no artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), que dispõe que todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimenta-

ção, vestuário, habitação, cuidados médicos e outros serviços sociais.

Além disso, desde 2010, por meio da Emenda Constitucional nº 64, a alimentação é um dos direitos sociais previstos na Constituição Federal (BRASIL, 1988). Até a aprovação da Emenda, o texto constitucional colocava como direitos sociais apenas educação, saúde, trabalho, moradia, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados.

O Estado tem o dever de garantir que todos as pessoas tenham condições mínimas de existência, incluindo a alimentação. No Brasil, tardou para que fosse incluída como um direito social, ainda mais considerando que a Constituição incorporou muito da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Um momento do livro que marca é quando o narrador fala que a personagem comia papel para matar a fome: “Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (p. 32).

A escrita de Lispector tem teor crítico notório e, em diversas oportunidades, a autora se mostra preocupada com a temática da fome. Na coletânea *A Descoberta do Mundo*, várias crônicas revelam sua preocupação com a fome. Em *As Crianças Chatas*, Lispector aborda a fome na infância:

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele diz: não posso, estou com fome. Ela repete exasperada: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? – pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta. (LISPECTOR, 1999, p. 4)

Outra crônica que chama a atenção é *Daqui a Vinte e Cinco Anos*, em que Lispector faz um apelo para a resolução da fome e da miséria:

Mas, se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer. (LISPECTOR, 1999, p. 11)

Assim, percebe-se como a temática da fome é recorrente na escrita da autora. Na própria obra analisada neste estudo, *A Hora da Estrela*, ela faz um contraponto entre a riqueza e a miséria, ressaltando a questão da fome. O narrador, ao falar sobre a pobreza de Macabéa, diz: “Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente” (p. 30-31).

De acordo com Gotlib (1995, p. 66), a manifestação de Lispector em *A Hora da Estrela* se dá “sob a forma de grito de rebeldia, denunciando a fome e a impotência das personagens, ela também prisioneira como os macabeus, mas que, como eles, resiste, nordestina na cidade grande, massacrada por um sistema social desumano”.

Dessa forma, na condução da narrativa, é possível escancarar a indignação da autora com a fome e com a miséria, sempre retornando ao tema da falta de dignidade humana dos personagens. Para a escritora, a situação de miserabilidade e invisibilidade das pessoas e, principalmente, a fome, é inaceitável (ALVES, 2017).

## 7 A CONDIÇÃO FEMININA E A SUBMISSÃO DE MACABÉA

Durante a narrativa de *A Hora da Estrela*, Lispector constrói a condição feminina de Macabéa. Percebe-se que a personagem é criada pela tia com sua sexualidade reprimida, de tal forma ela não reconhece o feminino que há em si e tampouco consegue reivindicar seus direitos enquanto mulher. Côrtes (2019) caracteriza como as personagens femininas clariceanas são construídas:

Clarice Lispector se destaca pelas reflexões feitas sobre a mulher do século XX habitante dos grandes centros urbanos. A escritora inovou a estética literária brasileira e se destacou pela perspectiva intimista, no que tange à estrutura do texto narrativo. As personagens clariceanas representam a situação alienada dos indivíduos das grandes cidades, geralmente tensas e imersas num mundo repetitivo e inautêntico, que as despersonaliza. As mulheres estão sempre envolvidas com os problemas de casa e não se dão conta do quão medíocre é a vida que levam e os homens são sempre inexpressivos ou autoritários. (CÔRTEZ, 2019, p. 1)

Ao longo do romance, percebe-se que Macabéa se encaixa no padrão das personagens femininas de Lispector. Esta representação da mulher em uma posição de submissão e subalternidade acaba revelando, de forma irônica, a discriminação de gênero existente em nossa sociedade.

Em muitos momentos, Lispector escancara a posição extremamente submissa de Macabéa perante o mundo: “Vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de joias e roupas acetinadas – só para se mortificar um pouco. É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro” (p. 35).

Macabéa é uma personagem com pouca consciência de sua posição enquanto mulher e que mal se encontra consigo mesma. Nas palavras de Perrot (2005, p. 42), “dizer “eu” não é fácil para as mulheres a quem toda uma educação inculcou a conveniência do esquecimento de si”.

Em uma passagem, a personagem principal resolve faltar ao trabalho por estar com as costas cansadas e experimenta uma verdadeira sensação de liberdade:

[...] ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! (p. 41)

Neste momento, Lispector ressalta a sensação de solidão da personagem, que vem junto a uma experiência de liberdade, sentimentos jamais percebidos por Macabéa em sua condição feminina. Inclusive cita a atitude de dançar como um ato de absoluta coragem, fazendo referência à criação dada pela tia, que reprimia de forma veemente a sexualidade feminina.

Esta repressão sexual é percebida em outras passagens do romance, quando Macabéa tem vontades sexuais e tenta reprimi-las. A sensação de liberdade ao estar sozinha demonstra uma emancipação por parte da personagem: “Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada” (p. 42).

Apesar deste sentimento momentâneo de emancipação e liberdade, o romance permanece enfocando na condição submissa de Macabéa. Quando ela começa a namorar Olímpico, o percebe como alguém muito superior a ela, dando a ele atributos de extrema inteligência e masculinidade.

O relacionamento, no entanto, relava diálogos abusivos ao longo da história. Macabéa, no entanto, com sua consciência semi-intransitiva, conforme denominação de Freire (1979), se resigna com as respostas dadas por Olímpico e tende a achar que ele sempre tem razão ao diminuí-la ou classificá-la. Esta situação pode ser percebida no seguinte diálogo:

- E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema.

- Você acha mesmo?

[...]

- É, dessa vaca não sai leite. (p. 54)

O relacionamento da personagem com Olímpico se desenvolve totalmente baseado na resignação de Macabéa. Ela “nunca esquecerá que no primeiro



encontro ele a chamara de “senhorinha”, ele fizera dela um alguém” (p. 54). Assim, percebe-se que a personagem tem um sentimento de servidão pelo namorado, justamente por ele ter sido, talvez, a primeira pessoa a enxergá-la, a primeira pessoa a tirá-la da invisibilidade.

Enquanto Macabéa se julga irrelevante, Olímpico, por sua vez, também de origem pobre e migrante nordestino, é ambicioso e quer conquistar espaço na sociedade carioca. Para se sentir superior, ele diminui a protagonista:

- Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?

- Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê?... Quer dizer não sei bem quem eu sou.

- Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso?

- É verdade. Mas não sei o que está dentro do meu nome. Só sei que eu nunca fui importante...

- Pois fique sabendo que meu nome ainda será escrito nos jornais e sabido por todo o mundo. (p. 56)

Hirigoyen (2006) afirma como o homem, ao longo da história, sempre foi considerado o único detentor do poder, deixando as mulheres excluídas desse espaço. Para o autor, isso acabou por condicionar o pensamento de ambos, de tal forma que os estereótipos, ainda nos dias de hoje, se mantêm.

Assim, no relacionamento entre Olímpico e Macabéa, a estrutura proposta por Hirigoyen (2006) se mantém: Olímpico é o detentor de poder, enquanto Macabéa sequer possui um espaço próprio. Os personagens se inserem em uma ideologia machista, em que Olímpico domina Macabéa e esta se submete ao poder masculino: “[...] ainda se encontra mulher barata. Você me custou pouco, um cafezinho. Não vou gastar mais nada com você, está bem? Ela pensou: eu não mereço que ele me pague nada porque me mije (p. 55-56)”.

Dessa forma, entende-se como a condição feminina de Macabéa é totalmente inserida em uma sociedade machista. Olímpico, quando termina o romance com a protagonista, diz: “Você, Macabéa, é um cabe-

lo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero (p. 60)”. Ainda assim, a personagem não se revolta com a forma como é tratada pelo companheiro.

Ressalta-se que a estrutura machista também tem reflexos nas outras personagens mulheres do romance. Quando Olímpico deixa Macabéa para ficar com Glória, o critério utilizado foi de que “apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade (p. 59)”.

Posteriormente, Macabéa vai à cartomante para saber sobre seu futuro e a mulher lhe diz:

Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele. Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. (p. 74)

Logo, percebe-se que a narrativa repete a discriminação de gênero existente em nossa sociedade, escancarando ao leitor a violência física, verbal e psicológica contra a mulher.

## 8 DIREITO À AFETIVIDADE E AO PROJETO VITAL

Macabéa é uma personagem que não experimenta traços de afetividade em sua trajetória. Lispector exhibe uma mulher miserável, que passa fome, que é um retrato da subalternidade em uma sociedade corrompida. Mas a autora vai além: mostra mais um direito humano violado na vida da protagonista – o direito à afetividade.

Quando a personagem vai à cartomante para saber sobre o futuro, ela se sente intimidada pela forma carinhosa como é tratada: “Macabéa sentou-se um pouco assustada porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho (p. 72)”. Sawaia (2003) esclarece a importância das dimensões afetivas para que a pessoa tenha sua dignidade reconhecida de maneira ampla:

Os excluídos, como todos os homens, têm fome de dignidade. Eles desejam ser reconhecidos como “gente”, como seres humanos. Necessitam de afeto, de atenção, de sentir que realmente são únicos e que,

---

ao mesmo tempo, são iguais aos seus semelhantes, o que lhes é negado nas relações sociais injustas e discriminadoras. Suas necessidades e desejos não se esgotam na luta pela sobrevivência biológica. O impulso natural de conservação da vida exige a expansão de suas possibilidades, que é o fundamento do processo de humanização. A alegria, a felicidade e a liberdade são necessidades tão fundamentais quanto aquelas, classicamente, conhecidas como básicas: alimentação, abrigo e reprodução. (SAWAIA, 2003, p. 55)

Conforme a percepção de Sawaia (2003), felicidade e alegria são necessidade fundamentais do ser humano. Macabéa, entretanto, em sua posição de marginalização social, não experimenta claras sensações que permeiam a afetividade. Não se considera feliz, tampouco triste. Quando Olímpico a deixa, o narrador explicita que a tristeza não fazia parte do mundo da protagonista, já que o ato de se sentir triste é um luxo.

Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar como se nada tivesse perdido. (Ela não sentiu desespero etc. etc.) Também que é que ela podia fazer? Pois ela era crônica. E mesmo tristeza também era coisa de rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo. (p. 61)

Outro aspecto que chama a atenção em *A Hora da Estrela* é a falta de um projeto de vida para a personagem. De acordo com Damon (2009, p. 53), “projeto vital é uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu”.

Macabéa, porém, apenas sobrevive a uma vida de direitos violados, sem anseios ou pretensões. Quando ela vai à cartomante, a mulher lhe pergunta se ela pensa em seu futuro. Conforme o narrador, “A pergunta ficou por isso mesmo, pois a outra não soube o que responder” (p. 65).

Para KLEIN (2011, p. 25), os projetos de vida são “possibilidades de escolha dos indivíduos e expressão maior de nossa humanidade”. Assim, a constatação de que Macabéa não tem um projeto vital nos leva a perceber mais um direito humano violado no cotidiano da personagem.

Quando sai da cartomante e percebe que tem uma

boa perspectiva de futuro, pela primeira vez a protagonista se anima com a possibilidade de vida que tem adiante. Neste momento, o narrador diz: “Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança (p. 76)”. Ou seja, além da afetividade, esperança e projeto vital nunca fizeram parte do cotidiano da personagem.

No fim do romance, quando Macabéa é atropelada e está caída na rua, mais uma vez Lispector ressalta a falta de alteridade na vida da personagem. “Algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência” (p. 81).

Mais uma vez, as pessoas passam pela vida de Macabéa sem lhe conceder nenhum direito, sem ao menos lhe dar um pouco de afeto. No entanto, neste momento, caída na rua, à beira da morte, ocorre algo que nunca havia passado na vida da personagem: ela sai da invisibilidade, finalmente lhe dão alguma existência.

E que existência é esta, que foi retirada de Macabéa durante toda sua trajetória? Silva (2010, p. 15) dispõe que “o direito à existência consiste no direito de estar vivo, de lutar pelo viver, de defender a própria vida, de permanecer vivo. [...] Existir é o movimento espontâneo contrário ao estado morte”.

Assim, quando Lispector confessa que sua personagem finalmente recebe o direito de existir, escancara para o leitor que a vida de Macabéa se tratava de uma mera sobrevivência. Como relatado na narrativa: “A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal (p. 36)”.

Dessa forma, percebemos que Lispector ultrapassa a abordagem dos Direitos Humanos em suas dimensões mais simples, como direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais. Ela vai além, polemizando direitos como afetividade, projeto de vida e até mesmo existência. Nas páginas finais do romance, declara: “a vida é um soco no estômago” (p. 83).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que significa a existência de Macabéa em *A Hora da Estrela*? Esta é a indagação que o romance de Lispector nos propõe: a narrativa nos leva a buscar qual é o significado da protagonista em uma sociedade que não a enxerga e não a permite que tenha direitos básicos.

Ao analisar o romance da perspectiva dos Direitos Humanos, concluímos que a obra ressalta, do início ao fim, a violação a estes direitos. Neste quesito, Lispector é extremamente crítica, pois coloca situações banais e cotidianas que parecem simples, mas que revelam o quanto a dignidade da pessoa humana é deixada de lado quando se trata da personagem principal.

Ao longo da narrativa, vemos violações a direitos da mulher, da criança, à alimentação, ao trabalho, ao afeto, à igualdade, à liberdade, entre outros. A dignidade é colocada à prova em diversos momentos: o mero direito à existência é questionado na sofrida vida da protagonista. E há alguma diferença entre a ficção e a realidade?

Entendemos que a relevância da obra, no tocante aos Direitos Humanos, está justamente em sua exposição realista e crua de nossa sociedade. Temos inúmeras Macabéas, que possuem seus direitos violados cotidianamente e sequer tem conhecimento de quais são as normas e os princípios que as protegem.

Dessa forma, a vivência de Macabéa nos revela a necessidade da Educação em Direitos Humanos, exercida não apenas nos ambientes informais de ensino, mas também em espaços como mídia, arte e movimentos sociais. Por meio desta educação, é possível o indivíduo transpor o lugar de vítima e passar a ocupar a posição de sujeito de direitos, ciente de suas escolhas e reivindicações.

Os Direitos Humanos não se resumem a direitos sociais básicos, como alimentação, saúde e moradia. E *A Hora da Estrela* nos mostra isso de forma extremamente empática e sensível. Como diria Eduardo Galeano (2009, p. 81): “O sistema, que não dá de comer, tampouco dá de amar: condena muitos à fome de pão e muitos mais à fome de abraços”.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Rúbia Zanotelli de. O trabalho decente como direito humano e fundamental. **R. TRT 8ª Região**, Belém, v. 48, n. 95, p. 1-421, jul/dez 2015. Disponível em: <<https://siabi.trt4.jus.br/biblioteca/direito/doutrina/artigos/Revista%20do%20TRT08/TRT08%20v48%20n95%20p123-141%20jul-dez%202015.pdf>>. Acesso em 02 mar. 2020.

ALVES, Joyce. A latinidade de Clarice Lispector: a proposta do escritor perceptor nas crônicas clariceanas. **RelaCult**, v. 3, ed. especial, dez 2017. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/489/249>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 13 jul. 2017.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)>. Acesso em: 19 mar.2018.

CABRAL, Daniel Welton Arruda *et al.* Vygotsky e Freire: os conceitos de consciência e conscientização. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 2, São João del-Rei, jul/dez 2015, p. 412-422.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: <<https://www.revistaprosaveroearte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido/>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura e outros ensaios**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CÔRTEZ, Cristiane Felipe Ribeiro de Araujo. Alteridade e subalternidade em Clarice Lispector e Conceição Evaristo. **Literafro**, 2019. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr08ChristianoFelipe.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

DAMON, William. **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes? Summus Editorial: São Paulo, 2009.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da**

---

libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

GOTLIB, Nádya Battela. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

HIRIGOYEN, Marie France. **A violência no casal**: da coação psicológica à agressão física. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KLEIN, Ana Maria; OLIVEIRA, Flaviana de Freitas. Declaração Universal Dos Direitos Humanos e educação: compromissos do estado brasileiro democrático por meio de planos e diretrizes. *In*: BRASIL. Ministério Público Federal. **Direitos humanos fundamentais: 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e 20 anos do reconhecimento da jurisdição da Corte Interamericana de Direitos Humanos e as mudanças na aplicação do direito no Brasil**. Brasília: MPF, 2019. Disponível em: <[http://www.mpf.mp.br/pgr/documentos/coletanea\\_direitos\\_humanos\\_fundamentais.pdf](http://www.mpf.mp.br/pgr/documentos/coletanea_direitos_humanos_fundamentais.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2020.

KLEIN, Ana Maria. **Projetos de vida e escola**: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10082011-141814/pt-br.php>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Disponível em: <<https://nessa-geografia.files.wordpress.com/2016/06/a-descoberta-do-mundo-clarice-lispector.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. França, 1948.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história**. Travessa: Bauru, 2005.

SAWAIA, Bader Burihan. Fome de felicidade e liberdade. *In*: CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA – CENPEC. **Muitos lugares para aprender**. São Paulo: CENPEC/Fundação Itaú Social/ Unicef, 2003. Disponível em: <[http://memoria.cenpec.org.br/uploads/F547\\_055-05-00001%20Muitos%20lugares%20para%20aprender-OK.pdf#page=53](http://memoria.cenpec.org.br/uploads/F547_055-05-00001%20Muitos%20lugares%20para%20aprender-OK.pdf#page=53)>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SILVA, Aida Maria Monteiro.; TAVARES, Celma. **Educação em direitos humanos no Brasil: contexto, processo de desenvolvimento, conquistas e limites**. Educação. Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 50-58, jan./abr. 2013.

SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo**. São Paulo: Malheiros, 2010.

VYGOTSKY, LEV. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.